

JOHN CHEEVER

Bullet Park

Tradução

Pedro Sette-Câmara



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1969 by John Cheever
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Bullet Park

Capa
Daniel Trench

Preparação
Carlos Alberto Bárbaro

Revisão
Huendel Viana
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cheever, John
Bullet Park / John Cheever ; tradução Pedro Sette-Câmara. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Bullet Park.
ISBN 978-85-359-2339-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-09961

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PARTE I

1.

Imagine então uma pequenina estação ferroviária, dez minutos antes do poente. Além da plataforma correm as águas do rio Wekonsett, refletindo a sombria luz crepuscular. A arquitetura da estação é peculiarmente relaxada, melancólica mas jovial, e basicamente lembra uma pérgula, um chalé ou uma casa de veraneio, ainda que aqui o clima traga invernos rigorosos. Os lampiões ao longo da plataforma ardem num queixume quase palpável. O cenário de algum modo parece estar no cerne da questão. Por mais que o comum seja viajarmos de avião, ainda assim, em espírito nosso país parece ter permanecido um país de ferrovias. Você acorda na cabine de um vagão-leito às três da manhã numa cidade cujo nome ignora e talvez nunca venha a descobrir. Um homem está na plataforma com uma criança nos ombros. Os dois acenam em despedida a algum viajante, mas o que é que a criança está fazendo acordada a essa hora e por que o homem está chorando? Num desvio além da plataforma há um vagão-restaurante com a luz acesa no qual um garçom, sentado sozinho à mesa, faz as contas. Mais à frente há um castelo d'água

e mais à frente ainda uma rua vazia e bem iluminada. E aí você pensa com alegria que este é o seu país — único, misterioso e vasto. Ninguém sente isso nos aviões, nos aeroportos ou nos trens das outras nações.

Um trem chega e dele sai um passageiro que é recebido por um corretor imobiliário chamado Hazzard, pois ninguém mais saberia exatamente qual a idade, a serventia, o valor e a condição das casas na cidade. “Bem-vindo a Bullet Park. Tomara que o senhor goste e venha se juntar a nós.” O sr. Hazzard na verdade não mora em Bullet Park. Seu nome, assim como o de todos os demais corretores autorizados, está pregado nas árvores de todos os terrenos à venda, mas é num pequeno escritório na cidade vizinha que ele conduz seus negócios. O estranho deixou sua esposa vendo TV no Hotel Plaza. A busca de abrigo para ele se dá num nível quase primordial. Hoje em dia os preços estão altos e nada corresponde exatamente ao que se quer. A pintura marcada e os objetos descartados pelos proprietários anteriores parecem tão vivos e tão necessitados de atenção quanto as roupas e os documentos em que se põe ordem quando morre alguém na família. A casa ou o apartamento que ele procura, como ele bem sabe, precisará ter aparecido ao menos duas vezes nos seus sonhos. Quando tudo tiver acabado, quando os jardins estiverem plantados e a mobília arrumada, os rigores da jornada terão sido ocultados; mas nesse início de noite a memória física da viagem e das migrações corre em suas veias. As pessoas de Bullet Park querem dar a impressão não tanto de ali ter chegado, mas de ali terem sido plantadas e criadas, só que é claro que não foi assim que aconteceu. A desordem, as vans em movimento, os empréstimos com juros altos, as lágrimas e o desespero caracterizaram a maior parte de suas chegadas e partidas.

“Aqui é o nosso centro comercial”, diz Hazzard. “Temos diversos planos para incrementá-lo. Ali é Powder Hill”, indica

Hazard, fazendo com a cabeça um gesto na direção de uma colina iluminada à direita. “Tem uma casa lá que eu gostaria de mostrar ao senhor. Estão pedindo cinquenta e sete mil. Cinco quartos, três banheiros...” As luzes de Powder Hill piscavam, suas chaminés fumegavam e uma rica e rosada cobertura de assento de privada tremulava de um varal. Vista de uma distância improvável por um adolescente inflamado e ressentido, acima dos campos de golfe, a cobertura lhe pareceria o imprimatur, o galardão, a sagração e a bandeira de Powder Hill, atrás da qual marchavam, em apertados sapatos ingleses, as legiões dos praticantes de suingue, dos antissemitas, dos bêbados encenqueiros de alma vencida. Ah, que se danem todos eles, pensava o adolescente. Danem-se as luzes acesas que não iluminam a leitura de ninguém, dane-se a música constante que ninguém ouve, danem-se os grandes pianos que ninguém sabe tocar, danem-se as casas brancas hipotecadas até as calhas de chuva, danem-se eles por pilhar o oceano de seus peixes para alimentar os visons cuja pele vestem e danem-se suas estantes em que só há um único livro — uma cópia da lista telefônica, encadernada em brocado rosa. Dane-se sua hipocrisia, danem-se suas frases feitas, danem-se seus cartões de crédito, dane-se sua condescendência com a falta de cultivo da inteligência humana, dane-se sua pureza, dane-se sua devassidão e danem-se eles sobretudo por terem retirado da vida aquela força, aquele mau cheiro, aquele colorido e aquele ardor que lhe dão sentido. Aúuuu, aúuuu, aúuuu.

Todavia, o adolescente, como aliás sempre sucede aos adolescentes, estaria equivocado. Considere por exemplo os Wickwire, proprietários da casa branca (preço estimado de revenda: sessenta e cinco mil dólares) diante da qual passavam Hazard e o viajante. Fossem os costumes sociais de Powder Hill que o adolescente pretendia atacar, os Wickwire seriam um alvo formidá-

vel. Eram charmosos, eram brilhantes, eram incandescentes e seu calendário de compromissos estava repleto do Dia do Trabalho até o Quatro de Julho. Eram quase que literalmente trabalhadores da sociedade — celebrantes —, usando seus encantos e seu brilho para fazer as coisas funcionarem no plano social. Eram pessoas que sabiam que em sua época e lugar os aperitivos e o jantar eram tão importantes para o bem-estar da comunidade quanto a assembleia municipal, o conselho de educação e os serviços da prefeitura. Para uma comunidade que dispunha de tão poucos altares — quatro, para ser preciso —, nenhum dos quais sacrificial, eles pareciam, como sérios e dedicados celebrantes, ter improvisado um altar sacrificial em que haviam literalmente oferecido alguma carne e algum sangue. Estavam sempre rolando escada abaixo, batendo nas quinas pontiagudas do mobiliário e jogando os carros em valetas. Quando chegavam às festas, suas roupas estavam impecáveis, mas ela estava com o braço direito numa tipoia. Ele apoiava a perna quebrada com uma bengala com cabeça de ouro e estava de óculos escuros. Ela tinha caído e torcido o braço. Ele tinha quebrado a perna no inverno e os óculos escuros escondiam um olho roxo que tinha os tons de vermelho e púrpura típicos da última lua cheia do inverno, cerrada pelas nuvens e observada por algum jovem nostálgico e perplexo. Seu brilho não era diminuído por seus ferimentos. Na verdade, eles quase sempre chegavam com algum membro na tipoia, com alguma das extremidades enfaixadas, com algum gesso aparecendo.

Seu brilho, seu ardor de celebrantes, é sério. Após um fim de semana comum, em que almoçaram e jantaram fora por três dias seguidos, a seriedade de seu papel pode ser estimada quando a luz da manhã de segunda-feira os ilumina enquanto dormem. No momento em que soa o despertador, ele acha que é o telefone. Seus filhos estão fora, na faculdade, e ele pensa que algum

deles está doente ou arrumou alguma encrenca. Quando percebe que é o despertador e não o telefone, põe os pés no chão. Ele resmunga. Ele pragueja. Ele se levanta. Ele sente que é um homem oco mas cuja evisceração é, no entanto, recente e que consegue se lembrar de como é ser o receptáculo de pulmões e órgãos vitais. Ela dá um gemido de dor e cobre o rosto com um travesseiro. Com a sensação de ser ele mesmo um vazio dolorido, ele atravessa o corredor e chega ao banheiro. Olhando-se no espelho, solta um berro pleno de terror e repulsa. Seus olhos estão vermelhos, seu rosto está riscado pelas rugas, seu cabelo claro parece mal pintado. Por um momento ele possui o curioso poder de ser capaz de assustar a si próprio. Encharca o rosto de água e faz a barba. Isso exaure suas forças e ele volta pelo corredor para o quarto, diz que vai pegar um dos próximos trens, volta para a cama e puxa os cobertores por sobre o rosto para expulsar a manhã. Ela geme e chora. Ela então sai da cama, com a camisola amarrada logo acima de seu gracioso traseiro. Vai ao banheiro, mas fecha os olhos ao passar diante do espelho. De volta à cama ela cobre o rosto com um travesseiro e os dois ficam ali, gemendo alto. Então ele vai para o lado dela da cama e, ficando nisso por vinte minutos, os dois iniciam trabalhos de amor tão penosos que os deixam com uma dor de cabeça lancinante. Ele já perdeu os trens das 8h11, das 8h22 e das 8h30. “Café”, ele resmunga entre os dentes, e mais uma vez sai da cama. Ele desce as escadas e vai à cozinha. Ao pisar na cozinha, solta mais um grito de dor ao ver as garrafas vazias na estante perto da pia.

Elas estão dispostas como os deuses em algum panteão de remorso. Seu propósito parece ser forçá-lo a ficar de joelhos e espremer dele alguma oração. “Garrafas vazias, ó garrafas vazias, piedosíssimas garrafas vazias, tende piedade de mim, em nome de Jack Daniels e da Destilaria Seagram.” Seu imutável vazio

lhes confere um ar cruel e severo. Seus rótulos — scotch, gim e bourbon — têm a ferocidade de demônios chineses, mas ele tem nitidamente a sensação de que se tentasse apaziguá-los com uma genuflexão eles seriam implacáveis. Ele as joga na lixeira, mas isso não lhes tira a força. Ele coloca um pouco de água para ferver e tateando pelas paredes como um cego volta para o quarto, onde consegue ouvir as lamúrias de dor de sua esposa. “Ah, como eu queria estar morta”, geme. “Eu queria estar morta.” “Calma, calma, meu amor”, diz ele, com voz pastosa. “Calma, calma.” Ele tira do armário um paletó limpo, uma camisa, uma gravata e um par de sapatos e então volta de novo para a cama e puxa os cobertores sobre o rosto. Já são quase nove e o jardim está repleto de luz. Eles escutam o ônibus escolar na esquina, buzinando para o filho dos Marsden. A semana começou sua esplêndida procissão de dias. A chaleira começa a apitar.

Ele sai da cama pela terceira vez, volta à cozinha e faz um pouco de café. Traz uma xícara para os dois. Ela sai da cama, lava o rosto sem o conferir e volta para a cama. Ele bota a roupa de baixo e também volta para a cama. Durante a hora seguinte, ficam levantando e deitando, saindo e entrando do quarto, lutando para reentrar no fluxo das coisas, e por fim ele se veste e, torturado pela vertigem, pela melancolia, pela náusea e por ereções intermitentes, adentra seu Getsêmani — o trem das 10h48 da manhã de segunda.

Não havia nada de hipócrita nas manhãs de segunda dos Wickwire, e chega do adolescente.

O forasteiro talvez perceba que o local parece bem silencioso; a impressão é a de que chegaram ao centro deixando para trás os sons da natureza — gaivotas, trens, gritos de dor e de amor, coisas rangendo, marteladas, tiros —, nem mesmo uma criança estuda piano nesse santuário de acústica asséptica. Eles passam pela casa dos Howeston (sete quartos, cinco banheiros, sessenta e

cinco mil dólares) e pela dos Welcher (três quartos, banheiro e lavabo, trinta e um mil dólares). Através do facho emitido pelo farol do carro, o vento leva folhas de olmo amarelas, um cartão de crédito, batata chips, contas, cheques e cinzas. Talvez o forasteiro se pergunte se existem canções para este lugar; e elas existem. Canções cantadas para crianças e por crianças, canções para cozinhar, canções para tirar a roupa, canções de água, bobajada de igreja (“Aos Teus pés lançamos nossas coroas”), madrigais, canções tradicionais e um pouco da música típica dali. O sr. Elmsford (casa: seis quartos, três banheiros, cinquenta e três mil dólares) tira o pó de seu saltério, que ele nunca conseguiu aprender, e canta: “Hotchkiss, Yale, um casamento indiferente, três filhos e vinte e três anos com a Universal Tuffa Corporation. Ah, por que estou tão decepcionado?”, canta, “Por que parece que tudo passou por mim?”. Há um movimento rápido em direção à porta antes de ele começar a segunda estrofe, mas ele continua a cantar. “Por que tudo tem gosto de cinzas, por que nada do que faço nem brilha nem promete?” Os garçons esvaziam os cinzeiros, o barman cerra uma cortina de ferro sobre as garrafas e eles finalmente apagam as luzes, mas ele prossegue com a cantoria: “Tentei, tentei, fiz o melhor que podia, então por que essa dor e essa melancolia?”. “Senhor, fechamos”, dizem a ele, “e foi o senhor que fechou.” Há também os cantores afirmativos: “Bullet Park só faz crescer, Bullet Park veio pra ficar, Bullet Park é só progresso, todo dia sem parar...”.

Estatísticas? Não tinham a menor importância. A taxa de divórcios era bem baixa, a taxa de suicídios era segredo; as mortes no trânsito ficavam em cerca de vinte e duas por ano graças a uma tortuosa estrada que parecia ter sido desenhada no mapa por uma criança com um marcador de cera. Os invernos eram inclementes demais para as frutas cítricas, mas clementes demais para a bétula branca, típica da região.

Hazzard parou o carro em frente a uma casa branca com as janelas acesas. “É essa a propriedade em que eu estava pensando para o senhor”, disse. “Espero que ela não esteja em casa. Ela não é exatamente uma boa vendedora. Falou que ia sair.” Ele tocou a campainha e a sra. Heathcup abriu a porta. Parecia que estava se preparando para sair mas que ainda não tinha terminado. Era uma mulher atarracada, de cabelos presos cor de prata, vestindo um roupão de banho. Na ponta de uma das suas pantufas de seda havia uma rosa bordada; na outra, nada. “Bem, você pode olhar à vontade”, disse, com voz enrouquecida e volumosa. “Espero que o senhor goste e queira comprar. Estou ficando um pouco cansada de as pessoas ficarem sujando minha casa de lama e depois decidindo ficar com outra. A casa é ótima e está tudo funcionando — pode acreditar em mim —, mas sei de gente por aqui que vendeu casas com perigo na fiação, a fossa séptica entupida, o encanamento envelhecido, o telhado cheio de goteiras. Aqui não tem nada disso. Antes de o meu marido morrer ele deixou tudo tinindo e eu só quero vender a casa porque aqui não tem mais nada para mim agora que ele morreu. Nada mesmo. Um lugar como esse aqui não tem nada para nenhuma mulher solteira. Falando de tribos, aqui é como uma tribo dessas. Viúvas, divorciadas, solteirões — os anciãos da tribo expulsam todos. Estou pedindo cinquenta e sete mil. Esse não é meu preço inicial, é meu preço final. Investimos vinte mil aqui e meu marido pintava a casa todo ano antes de falecer. Em janeiro ele costumava pintar a cozinha. Quer dizer, nos sábados, nos domingos e à noite. Depois ele pintava a entrada e a sala de estar e a sala de jantar e os quartos e no mês de janeiro seguinte ele começava tudo de novo. Estava pintando a sala de jantar no dia em que faleceu. Eu estava no andar de cima. Quando digo que ele faleceu não quero que você pense que morreu dormindo. Enquanto ele pintava eu o escutei falando sozinho. ‘Não

aguento mais', ele disse. Até hoje não sei do que estava falando. Aí ele foi para o jardim e se matou com um tiro. Foi aí que descobri como é que eram meus vizinhos. Você pode procurar no mundo inteiro mas não vai achar vizinhos mais delicados e mais cuidadosos do que as pessoas de Bullet Park. Assim que souberam que meu marido tinha falecido, vieram aqui me confortar. Devia haver uns dez ou doze e todos bebemos e eles me confortaram tanto que eu quase esqueci o que tinha acontecido. Quer dizer, parecia que nada tinha acontecido. Bem, esta é a sala de estar. Seis por dez. Já demos aqui uma festinha para cinquenta pessoas, mas a casa nunca parece lotada. Posso vender o tapete por metade do que paguei. É todo de pele. Se a sua esposa quiser as cortinas podemos fazer negócio. O senhor tem uma filha? Dá para fazer um lindo casamento aqui na entrada. Quer dizer, a parte em que a noiva joga o buquê. Vamos agora para a sala de jantar..."

A mesa de jantar estava posta com doze pratos de sopa, taças de vinho, candelabros e flores de cera. "Sempre deixo a mesa posta", disse a sra. Heathcup. "Não recebo ninguém há meses, mas o sr. Heathcup detestava a mesa vazia, por isso sempre deixo ela posta, como que em memória dele. Ele ficava deprimido com a mesa vazia. Mudo as coisas uma ou duas vezes por semana. Tem quatro igrejas na cidade. Imagino que o senhor conheça o Gorey Brook Country Club. Tem um campo de golfe ótimo, com dezoito buracos, projetado por Pete Ellison, quatro quadras de tênis e uma piscina. Espero que o senhor não seja judeu. Eles são muito rigorosos quanto a isso. Eu mesma não tenho uma piscina e cá entre nós isso é uma coisa que meio que faz falta. Quando as pessoas começam a falar dos produtos de piscina e tal você fica de fora da conversa. Já mandei fazer um orçamento e dá para colocar uma no jardim dos fundos por oito mil. A manutenção custa vinte e cinco dólares por semana e cobram

cem dólares para abrir e para fechar a piscina. Os vizinhos, como falei, são gente maravilhosa, mas é preciso conhecê-los. O senhor poderia achar Harry Plutarch, que mora do outro lado da rua, um sujeito meio esquisito, a menos que soubesse o que aconteceu. A mulher dele fugiu com Howie Jones. O que ela fez foi botar um caminhão de mudança na frente da casa um dia de manhã e tirar tudo, menos uma cadeira, uma cama de solteiro e uma gaiola de papagaio. Quando ele chegou do trabalho achou a casa vazia e desde então está vivendo só com uma cama, uma cadeira e um papagaio. Aqui tem uma edição do jornal vespertino. Ele pode lhe dar uma ideia de como é este lugar...”

Enquanto a sra. Heathcup dava descarga nas privadas e abria e fechava as portas, o forasteiro, que se chamava Hammer, sentiu seu desinteresse pela casa aumentar até parecer uma espécie de melancolia, mas aquele lugar, trágico e cheio de iluminação, era cômodo e eficiente e dava para viver num lugar assim. Havia o fantasma do coitado do Heathcup, mas toda casa tem seu fantasma. “Acho que é isso que queremos”, disse. “Amanhã vou trazer a sra. Hammer e deixar que ela decida.”

Hazzard levou-o de volta à estação de trem e deixou-o ali. Ninguém faz manutenção nas salas de espera dos subúrbios, e tinham arrombado aquele lugar. As janelas quebradas deixavam entrar o vento noturno. O mostrador do relógio estava quebrado. O relógio estava sem ponteiros. O arquiteto, há tantos anos, projetara o edifício com alguma noção da essência erótica e romântica das viagens, mas todas as suas criações tinham sido despojadas e desfiguradas e Hammer se via como que numa ruína de guerra. Abriu o jornal e leu: “O Lightgow Club realizou seu jantar anual na noite de quinta no restaurante do Harvey. O programa começou com um desfile de beldades — as esposas dos membros — seguido de uma demonstração de hula dada pela sra. Leonard A. Atkinson, acompanhada por seu marido no uquelele...”

“Sete debutantes foram apresentadas à sociedade no Gorey Brook Country Club...

“O sr. Lewis Harwich morreu queimado ontem à noite, quando uma lata de acendedor de carvão explodiu e incendiou suas roupas durante um churrasco no jardim de sua casa, no número 23 de Redburn Circle...

“O imposto para educação deve aumentar.”

Ele pegou o trem das 7h14.